

**TAVARES, Pedro Vilas Boas – *Os Loios em Terras de Santa Maria da Feira*, Ed. do Município de Santa Maria da Feira, 2009, 227 p.**

Da passagem tão corrente por terra da Feira, guardo eu a imagem do castelo e da magnífica Igreja, mas sem fundamentos que me ajudassem a construir essas memórias. Também me lembrava, desde cedo, do Largo dos Loios e aí já tivera alguma luz sobre a origem do nome portuense.

Foi por isso de bom proveito a leitura da obra do Professor Pedro Vilas Boas Tavares, que, como outros da nossa Faculdade de Letras do Porto – e recorro aqui a sua esplêndida tese sobre a reacção portuguesa a Miguel de Molinos - têm prestado um óptimo serviço à história das mentalidades e da espiritualidade em Portugal.

O nome Loios, vulgarmente dado aos Cónegos de S. João Evangelista resulta da designação dum hospital localizado na freguesia de S. Bartolomeu, em Lisboa, fundado pelo Bispo e Chanceler Domingos Jardo no século XIII e que mais tarde, no século XV, viria a ser entregue a esta Congregação de Cónegos Regrantes.

Foi o Papa Eugénio IV quem os aprovou com o nome de S. Salvador de Vilar de Frades e deu-lhes as constituições do mosteiro de Alga. Mais tarde, a pedido da rainha D. Isabel, chamaram-se cónegos seculares de S. João Evangelista. Foram também chamados bons homens de Vilar e cónegos azuis devido à cor do respectivo hábito e correntemente Loios.

Tiveram casa, primeiro em Vilar de Frades, depois em Lisboa, Xabregas que foi cabeça da Congregação, Évora, Arraiolos, Feira, Porto, Coimbra e Lamego, como o autor refere à partida página 175 a 200.

A obra em apreço divide-se fundamentalmente em duas partes: a construção da memória (p. 19-127) e etapas de materialização do quadro da vida de Loio (145-189).

Na primeira parte, o autor faz a contextualização do nascimento da Congregação, idealizada como instrumento da reforma eclesiástica, no período dos séculos XV e XVI, época dominada pelas ideias e ideais que desaguam no Concílio de Trento. O grande problema enfrentado pela Igreja nesse tempo, na península como alhures, é o problema da falta de preparação do clero, que levava à inconsistência teológica dos pastores, num clima de grande efervescência nascido do Renascimento. E a fundação dos cónegos azuis, até hoje pouco ou nada estudado, constitui, como afirma o autor, (p.23) o protesto mais veemente que se fez em Portugal, contra a degradação moral e intelectual do clero, antes da chegada dos jesuítas já no Pós-Consílio de Trento. A sua originalidade de vida consistia numa síntese de vida devota, humilde e solitária, com a solenidade da vida coral e litúrgica e da aliança da vida em comum por clérigos seculares, com o rigor da disciplina claustral.

Merece especial atenção ao autor o estudo dos hagiógrafos e memorialistas da Congregação, através dos quais passa a história da Congregação e a mentalidade da época, antes de se debruçar, especificamente, sobre Santa Maria da Feira. É aqui que nos aparece a moldura, a história e a circunstância do aparecimento da fundação feirense, a que esta obra consagra cerca de setenta páginas de história, com anotação cuidada de protagonistas, vicissitudes e actores, do aparecimento e desenvolvimento do mosteiro, desde a origem até à sua extinção pelo liberalismo, segundo o Decreto conhecido de D. Pedro e de Joaquim António de Aguiar, que declarava extintos em Portugal, Algarve e ilhas adjacentes e demais domínios portugueses, todos os conventos, mosteiro, colégios, hospícios e quaisquer casas de religiosos de todos as ordens regulares.

O autor produziu um excelente trabalho científico não apenas com recurso às fontes documentais, mas também à bibliografia que contextualiza o aparecimento dos Loios, no dealbar do mundo moderno, entre as heresias ou tendências protestantes e a reforma católica, saída do Concílio de Trento.

Muito valorizam esta obra a excelente edição e a óptima fotografia que fornece ao leitor os aspectos relevantes da arquitectura e escultura do convento de Loios, na cidade de Santa Maria da Feira.

Arnaldo de Pinho